

CARTA A UM MÉDICO
[Março ou abril de 1734]

David Hume

Tradução e apresentação:
Waldomiro J. Silva Filho
UFBA, CNPq
Email: wjjsf.ufba@gmail.com

e

Plínio Junqueira Smith
UNIFESP, CNPq
Email: plinio.smith@unifesp.br

APRESENTAÇÃO DA TRADUÇÃO

A carta que o leitor tem diante de si é fascinante. É um testemunho rico e impactante sobre os estados físico e mental de um jovem filósofo nos instantes que cercavam o nascimento de uma das filosofias mais brilhantes e revolucionárias que conhecemos.

Quando tinha cerca de 18 anos de idade, David Hume (1711-1776), no exato tempo que começou a se dedicar aos seus estudos filosóficos, sofreu uma grave crise e passou por complicações físicas e emocionais que o abalaram profundamente. Uma doença (distemper) cuja natureza escapava aos diagnósticos dos médicos que o acudiram; uma doença que se expressava em diversos sintomas que comumente não caminham juntos, como escorbuto, pítialismo, apetite descontrolado e taquicardia. Foi um sofrimento intenso e prologando que também invadiam sua mente: seus nervos estavam à flor da pele, seu estado emocional era muito instável e, pelo que podemos entender, passou a sofrer algo como uma melancolia ou depressão.

Nessa carta, Hume parece estar perfeitamente consciente das íntimas relações entre sua condição física e sua condição mental, como se se tratasse de uma doença do espírito que arrastava consigo o seu corpo. Ele é explícito ao situar os gatilhos dos seus sintomas a fases das suas inquietações, curiosidade, descobertas intelectuais e à sua decisão de se tornar um filósofo. É muito eloquente que ele atribua à filosofia moral helenística a responsabilidade de sua doença, mencionando os efeitos da leitura de Sêneca, Cícero e Plutarco. Curiosamente, outro cético, Montaigne, relatara algo similar: como os rigores da filosofia moral helenística estragaram, ou ao menos perturbaram, sua juventude (Ensaios, I, 20 e III, 12).

Essa carta foi provavelmente endereçada a um famoso médico, o dr. George Cheyne (1671-1743). O dr. Cheyne nasceu no condado de Aberdeen, Escócia, e se estabeleceu em Londres por volta dos anos 1700. Hume o procurou anonimamente porque soubera que Cheyne, além de um médico muito habilidoso, também era um homem versado em Letras e Filosofia. Nosso jovem e angustiado filósofo supunha que somente uma pessoa com essas qualidades teria condições de compreender seus estados e acolher o seu sofrimento.

O interesse dessa carta não reside somente no seu aspecto pessoal e biográfico. Como a carta testemunha, apesar de todas as dificuldades físicas e emocionais (e talvez por causa disso mesmo), Hume levou adiante suas investigações e reflexões filosóficas, escrevendo muito e

preparando o que viria a ser o seu primeiro livro, o Tratado da natureza humana. Muitos viram, no teor dessa carta, os elementos que deram origem à conclusão dramática do Livro I do Tratado. A assim chamada “crise cética” seria, ao menos em parte, uma elaboração filosófica de sua crise pessoal relatada nessa carta.

Hume destaca, ainda, que, estudando seriamente, mas na medida de suas forças (limitadas, já que seus “espíritos animais” não estavam em seu pleno vigor), uma “nova cena do pensamento” se abriu para ele. Ora, Hume alude, com essa expressão, à grande novidade de sua filosofia, da qual ele já estava consciente, embora fosse ainda muito jovem. Muito se especulou sobre qual seria o sentido exato dessa “nova cena do pensamento”. Mas é impossível não pensar, a esse respeito, nas novidades que ele aponta na Introdução do Tratado, especialmente quando ele fala da introdução do método experimental na filosofia moral. Hume critica, nessa carta, a filosofia moral dos antigos, que teria cometido o mesmo erro que sua filosofia natural: trabalhar basicamente com hipóteses, isto é, não ser experimental. Ora, é justamente essa a mudança de rumo que Hume pretende para a filosofia moral.

O impacto filosófico dessas perturbações que assolaram sua juventude não se limita ao Tratado, mas se estende até a Investigação sobre o entendimento humano (EHU). Hume percebe que uma das causas de sua doença é uma vida reclusa e excessivamente dedicada aos estudos, de modo que, a certa altura, para tentar se curar, ele decide levar uma vida ativa e aberta ao convívio com outras pessoas. Sua intenção não é a de abandonar a filosofia (coisa que só faria se morresse), mas a de combinar os estudos com a vida comum. Misturado à vida ativa, os estudos são benéficos e não causariam o sofrimento que lhe havia atingido: “o caminho mais doce e inofensivo da vida conduz pelas avenidas da ciência e instrução” (EHU, I, 6, p. 11). É essa decisão pessoal que está na base de uma das passagens mais bonitas de Hume:

O homem é um ser sociável, não menos do que um ser racional, mas nem sempre ele pode desfrutar de uma companhia agradável e divertida ou preservar o próprio gosto para elas. O homem é também um ser ativo e, dessa disposição, bem como das várias necessidades da vida humana deve submeter-se aos negócios e às ocupações. Mas a mente precisa de algum entretenimento e não pode sempre manter sua tensão em cuidados e em esforços. Parece, então, que a natureza apontou uma vida mista como a mais adequada à espécie humana e secretamente admoestou os homens a não privilegiar muito nenhuma dessas inclinações, de modo a incapacitá-los para as outras ocupações e entretenimentos. Satisfaça a sua paixão pela ciência, ela diz, mas deixe que sua ciência seja humana, de modo que tenha uma referência direta à ação e à sociedade. O pensamento abstruso e as pesquisas profundas, eu os proíbo e punirei severamente, pela melancolia pensativa que eles ensejam, pela incerteza sem fim na qual eles te envolvem e pela fria recepção que suas pretensas descobertas encontrarão quando comunicadas. Seja um filósofo, mas, em meio a toda sua filosofia, seja ainda um homem” (EHU, I, 4, p. 9).

Nessa carta surpreendente, vida e filosofia, experiência e pensamento, inquietação e investigação se entrelaçam de maneira inextricável.

TRADUÇÃO

Senhor,

Não estando familiarizado com esta caligrafia, o senhor provavelmente procurará uma assinatura ao final e, não encontrando nenhuma, certamente se perguntará sobre este estranho método de me dirigir ao senhor. Devo aqui, no início, pedir-lhe que me desculpe e, para persuadir-lhe a ler o que segue com alguma atenção, antecipo que isso lhe dá uma oportunidade de fazer uma ação muito boa, o que acredito ser o argumento mais poderoso que posso usar. Não preciso dizer-lhe que sou seu conterrâneo, um escocês, pois, ainda que não tivesse laço assim, ousaria confiar em sua humanidade até mesmo com um perfeito estranho, como eu sou. O favor que lhe peço é a sua opinião e a razão pela qual me dirijo ao senhor em particular não precisa ser dita. Como, para me dar uma resposta satisfatória, é preciso ser um médico hábil, um homem de letras, de inteligência, de bom senso e de grande humanidade, eu gostaria que a fama me tivesse apontado mais pessoas nas quais essas qualidades estivessem reunidas, a fim de me manter em suspense por algum tempo. Digo isso na sinceridade do meu coração e sem qualquer intenção de fazer uma lisonja, pois, embora possa parecer necessário que, no início de uma carta tão inusitada, eu devesse dizer coisas bonitas para solicitar a sua boa opinião e remover quaisquer preconceitos que o senhor possa conceber em relação a mim, tal esforço, para ser espirituoso, não se adequaria à condição atual da minha mente que devo confessar, não está sem ansiedade a respeito do julgamento que o senhor formará de mim. Confiando, porém, em sua gentileza e generosidade, passarei, sem mais demora, a expor ao senhor a presente condição da minha saúde e, para fazer isso mais efetivamente, lhe darei uma espécie de história de minha vida, após a qual o senhor compreenderá facilmente por que mantenho meu nome em segredo.

O senhor precisa saber então que, desde a minha primeira infância, sempre tive uma forte inclinação para os livros e as letras. Como nossa educação escolar na Escócia, que se estende pouco além das línguas, termina geralmente quando temos cerca de 14 ou 15 anos de idade, eu podia depois disso escolher minhas leituras e descobri que eu me inclinava quase igualmente a livros de argumentação e filosofia, à poesia e aos autores que tratam da polidez. Todos os que conhecem os filósofos ou os críticos sabem que ainda não há nada estabelecido em nenhuma dessas duas ciências e que elas contêm pouco mais do que disputas intermináveis, mesmo nos temas mais fundamentais. Ao examiná-las, descobri uma certa ousadia de temperamento crescendo em mim, que não estava inclinado a se submeter a nenhuma autoridade nesses assuntos, mas que me levou a buscar um novo caminho pelo qual a verdade poderia ser estabelecida. Depois de muito estudo e reflexão sobre isso, finalmente, quando eu tinha cerca de 18 anos de idade, pareceu que uma nova cena do pensamento se abriu para mim, a qual me arrebatou excessivamente, e me fez, com o ardor natural dos jovens, desistir de todos os outros prazeres ou negócios para me dedicar inteiramente a ela. O Direito, que era a carreira que eu planejava seguir, me pareceu nauseante e eu não poderia pensar em outra maneira de levar adiante meu destino no mundo a não ser como um estudioso e filósofo. Eu estava infinitamente feliz com esse rumo de vida por alguns meses até que finalmente, por volta do início de setembro de 1729, todo o meu ardor pareceu estar prestes a se extinguir e eu não podia mais elevar minha mente ao patamar que antes me dava um prazer tão excessivo. Eu não sentia nenhum mal-estar e falta de ânimo quando abandonei meu livro e, portanto, nunca imaginei que houvesse algum

distúrbio corporal ocorrendo comigo, mas que minha apatia derivava de uma indolência de temperamento que deveria ser superada redobrando meu empenho. Permaneci nessa condição por nove meses, sentindo uma grande inquietação, como o senhor pode imaginar, mas sem piorar nada, o que foi um milagre.

Havia outra particularidade que contribuiu, mais do que qualquer coisa, para desgastar meus espíritos e me trazer essa doença, a saber: tendo lido muitos livros de filosofia moral, como os de Cícero, Sêneca e Plutarco, e estando infectado por suas belas representações de virtude e filosofia, eu me propus então a melhorar meu temperamento e vontade, junto com minha razão e entendimento. Eu estava constantemente me fortalecendo com reflexões contra a morte, a pobreza, a vergonha, a dor e todas as calamidades da vida. Essas reflexões são sem dúvida muito úteis quando combinadas com uma vida ativa, porque, quando se apresenta junto com a reflexão, a ocasião apoia e trabalha a alma e faz com que tenha uma impressão profunda, mas, na solidão, elas não têm outro propósito senão desgastar os espíritos, pois a força da mente não encontra resistência, mas se dispersa no ar, como o nosso braço quando erra o alvo. Só aprendi isso, porém, pela experiência e quando eu já tinha arruinado minha saúde, embora eu não o tivesse percebido.

Alguns pontos de escorbuto surgiram em meus dedos, no primeiro inverno fiquei doente, sobre o que consultei um médico muito conhecido que me deu alguns remédios que removeram esses sintomas e, ao mesmo tempo, ele me deu conselhos sobre a melancolia, da qual, embora já sofresse dela nessa época, eu me imaginava tão distante quanto de qualquer outra enfermidade, exceto um leve escorbuto, que eu desprezei seus conselhos. Finalmente, por volta de abril de 1730, quando eu tinha 19 anos de idade, um sintoma que eu havia notado um pouco desde o início aumentou consideravelmente, de modo que, embora não houvesse uma grande inquietação, sua novidade me fez pedir conselhos. Era o que eles chamam de ptialismo ou salivação na boca. Quando mencionei isso para o meu médico, ele riu de mim e me disse que eu agora era um irmão, pois havia contraído com justiça a enfermidade dos eruditos. Ele teve muita dificuldade para me convencer disso, já que eu não apresentava nenhum sinal daquele desânimo do qual aqueles que sofrem dessa doença tanto se queixam. No entanto, de acordo com seu conselho, fui submetido a um tratamento de comprimidos amargos e anti-histéricos, bebi uma caneca inglesa do vinho Claret todos os dias e cavalgava de 8 a 10 milhas escocesas. Continuei a fazer isso por cerca de 7 meses.

Embora eu lamentasse estar lidando com uma doença tão tediosa, o conhecimento dela me tranquilizou bastante, pois compreendi que minha indiferença prévia não era resultado de algum defeito de temperamento ou do gênio, mas de uma enfermidade à qual qualquer um pode estar sujeito. Comecei então a ter um pouco de indulgência para comigo mesmo, estudava com moderação e só quando meus espíritos estavam no nível mais alto, parando antes de me sentir cansado, e passava o resto do meu tempo da melhor maneira que pudesse. Dessa forma, eu vivia bastante satisfeito e, no meu retorno à cidade no inverno seguinte, encontrei meus espíritos mais recuperados, de modo que, embora eles afundassem em mim nos voos mais altos do gênio, ainda assim eu podia fazer progressos consideráveis nos meus desígnios anteriores. Eu era muito disciplinado em minha dieta e modo de vida desde o início, e todo aquele inverno fez com que fosse uma regra constante cavalgar duas ou três vezes por semana e caminhar todos os dias. Por essas razões, eu esperava, quando voltasse para o campo e pudesse retomar meu exercício com menos interrupção, que eu me recuperaria perfeitamente. Mas nisso eu estava muito enganado, porque, no verão seguinte, por volta de maio de 1731, surgiu em [mim] um apetite muito voraz e uma digestão tão rápida que eu, a princípio, achei que fosse um bom sintoma e fiquei muito surpreso ao descobrir que isso trazia de volta uma palpitação do coração que eu tinha sentido muito pouco antes. Esse apetite, contudo,

teve um efeito muito incomum, que foi o de me nutrir extremamente, de modo que em 6 semanas eu passei de um extremo ao outro: sendo antes alto, magro e ossudo, me tornei de repente a pessoa mais forte, robusta, saudável que já se viu, com uma compleição corada e um semblante alegre. Eu sempre dizia, como desculpa para a minha cavalgada e cuidado com minha saúde, que tinha medo de ter uma tuberculose, o que era prontamente acreditado devido à minha aparência, mas agora todas as pessoas me parabenizavam pela minha completa recuperação. Esse apetite incomum desapareceu gradualmente, mas deixou-me como legado a mesma palpitação do coração em grau menor e muitos gases no meu estômago, que saem facilmente e sem nenhum gosto ruim, como é comum. No entanto, esses sintomas causaram pouca ou nenhuma inquietação em mim. Eu como bem, eu durmo bem. Não tenho nenhum desânimo, pelo menos nunca mais do que o que de uma pessoa saudável pode sentir depois uma refeição farta, de se sentar muito perto de uma lareira e mesmo esse grau eu sinto muito raramente, quase nunca de manhã bem cedo ou antes do meio-dia. Aqueles que vivem na mesma família que eu e me veem o tempo todo não conseguem observar a menor alteração em meu humor e até pensam que sou uma companhia melhor do que eu era antes, pois escolho passar mais tempo com eles. Isso me deu tanta esperança que eu mal perdi um dia de cavalgada, exceto no inverno, e no último verão empreendi uma tarefa muito laboriosa, que era viajar 8 milhas todas as manhãs e outras tantas antes do meio-dia até uma fonte de água mineral de alguma reputação. Na última primavera, retomei o comprimido amargo e anti-histérico duas vezes, junto com sucos anti-escorbuto, mas sem nenhum efeito considerável, exceto pela diminuição dos sintomas por pouco tempo.

Assim, eu lhe dei um relato completo da condição de meu corpo e, sem pedir desculpa, como eu deveria fazer, por uma história tão tediosa, explicarei como minha mente permaneceu todo esse tempo, as quais, em todas as ocasiões, especialmente durante essa doença, tem uma conexão muito estreita. Tendo agora tempo e ócio para acalmar minha imaginação inflamada, comecei a considerar seriamente como eu deveria prosseguir em minhas investigações filosóficas. Descobri que a filosofia moral transmitida a nós pela Antiguidade sofria do mesmo inconveniente que se encontra na sua filosofia natural, que era ser inteiramente hipotética e depender mais da invenção do que da experiência. Cada um consultava sua fantasia ao erigir esquemas de virtude e de felicidade, sem levar em conta a natureza humana, da qual toda conclusão moral deve depender. Portanto, resolvi fazer disso meu estudo principal e a fonte da qual eu derivaria toda verdade na crítica, bem como da moralidade. Creio que é um fato que a maioria dos filósofos que nos precederam foram derrubados pela grandeza de seus gênios e que pouco mais é necessário para que um homem tenha sucesso nesse estudo do que se livrar de todos os preconceitos, sejam suas próprias opiniões ou a de outros. Pelo menos isso é tudo do que dependo para a verdade dos meus raciocínios, os quais multipliquei a tal ponto que, nesses três anos, descobri ter escrito muitos maços de papel nos quais não há nada contido além de minhas próprias invenções. Isso, com a leitura da maioria dos livros célebres em latim, francês e inglês, e tendo aprendido o italiano, o senhor pode pensar que é algo adequado para alguém em perfeita saúde, e, assim, seria, caso tivesse sido levado a cabo com algum propósito. Mas minha doença era um fardo cruel sobre mim. Descobri que não era capaz de levar adiante nenhuma linha de raciocínio com um único e continuado esforço da visão, mas com repetidas interrupções e, descansando meus olhos de tempos em tempos, em outros objetos. No entanto, com esse incômodo, reuni o material bruto para muitos volumes, mas, ao transformar esse material em palavras, quando se deve trazer ideais apreendidas genericamente para mais perto de si, a fim de contemplar suas partes mínimas e mantê-las firmemente em seu olho, de modo a copiar essas partes em ordem, descobri que isso era impraticável para mim e meus espíritos não estavam à altura de um

empreendimento tão severo. Aqui estava minha maior calamidade. Eu não tinha esperança de expressar minhas opiniões com tanta elegância e capricho a ponto de atrair a atenção do mundo para mim e eu preferiria viver e morrer na obscuridade do que apresentá-las mutiladas e imperfeitas.

De uma tal decepção miserável, não me lembro ter ouvido falar. A pequena distância entre mim e a saúde perfeita me causa uma inquietação ainda maior na minha situação atual. É uma fraqueza mais do que um desânimo que me perturba e parece haver uma grande diferença entre minha doença e a melancolia comum, como entre melancolia e loucura.

Notei nos escritos dos místicos franceses e naqueles de nossos fanáticos aqui que, quando fazem um relato do estado de suas almas, eles mencionam uma indiferença e abandono de espírito que frequentemente retorna, e alguns deles, no início, foram atormentados com isso por muitos anos. Como esse tipo de devoção depende inteiramente da força da paixão e, conseqüentemente, dos espíritos animais, pensei com frequência que o caso deles e o meu eram bastante paralelos e que seus assombros extasiados poderiam desorganizar a estrutura dos nervos e do cérebro, tanto quanto reflexões profundas e aquele fervor ou entusiasmo que é inseparável deles.

Entretanto, não caí das nuvens tão bem como eles normalmente nos contam que fizeram, ou antes comecei a me desesperar de alguma vez me recuperar. Para me proteger dessa melancolia com expectativa tão sombria, minha única defesa estava em reflexões mal-humoradas sobre a vaidade do mundo e de toda glória humana, as quais, embora possam ser considerados sentimentos justos, descobri que nunca podem ser sinceros, exceto naqueles que são possuídos por elas. Percebendo que toda a minha filosofia nunca me faria ficar satisfeito com a minha situação atual, comecei a despertar e, encorajado por casos de recuperação de graus piores dessa doença, bem como pelas garantias dos meus médicos, comecei a pensar em algo mais eficaz do que o que havia tentado até então. Descobri que, assim como há duas coisas muito más para essa doença, estudo e ócio, há coisas muito boas, ocupação e diversão, e que todo o meu tempo foi gasto entre as más, com pouco ou nenhum envolvimento nas boas. Por essa razão, resolvi procurar uma vida mais ativa e, embora eu não pudesse abandonar minhas aspirações nos estudos, exceto com meu último suspiro, e deixá-las de lado por algum tempo para poder retomá-las de maneira mais eficaz.

Depois de um exame, dei-me conta de que minha escolha se limitava a duas espécies de vida: a de um tutor itinerante e a de um comerciante. A primeira, além de ser, em certo sentido, uma vida ociosa, era inadequada para mim, e isso porque, devido a uma maneira sedentária e retirada de viver, a um temperamento tímido e a uma fortuna limitada, eu estava pouco acostumado à convivência em geral e não tinha confiança e conhecimento suficiente do mundo para alavancar meu sucesso ou ser útil dessa maneira. Por isso, decidi ser um comerciante e, tendo recebido uma recomendação para um importante mercador em Bristol, estou me dirigindo para lá agora, com a resolução de me esquecer de mim mesmo e de tudo o que se passou, de me engajar, tanto quanto for possível, nesse rumo de vida e de me lançar pelo mundo, de um polo para o outro, até deixar essa doença para trás.

Como cheguei a Londres a caminho de Bristol, resolvi, se possível, obter o seu conselho, mesmo que tenha que adotar este método absurdo para consegui-lo. Todos os médicos que consultei, embora muito capazes, nunca puderam entender minha doença, porque, não sendo pessoas de grande conhecimento além de sua própria profissão, não estavam familiarizados com esses movimentos da mente. A sua fama apontou-lhe como a pessoa mais adequada para resolver as minhas dúvidas e eu estava determinado a ter a opinião de alguém em quem pudesse confiar sobre

todas as variedades de medos e esperanças incidentes em uma doença tão prolongada. Espero ter sido suficientemente detalhado ao descrever os sintomas para permitir que o senhor forme um julgamento, ou talvez eu até tenha sido detalhado demais. Mas o senhor sabe que é um sintoma dessa doença se deliciar em se queixar e falar de si mesma.

As perguntas que eu humildemente lhe proponho são: entre todos os estudiosos com os quais já teve contato, o senhor já conheceu alguém afetado dessa maneira? Alguma vez, posso ter esperança de recuperação? Eu terei de esperar muito tempo para me recuperar? A minha recuperação será completa e meus espíritos recuperarão sua antiga vitalidade e vigor, a ponto de suportar a fadiga do pensamento profundo e abstruso? Eu tomei o caminho certo para me recuperar? Creio que todos os medicamentos adequados foram usados e, portanto, não preciso mencioná-los.

GLOSSÁRIOS

Inglês – português:

Anxiety – ansiedade

Coldness – indiferença

Consumption – tuberculose

Disease – enfermidade

Distemper – doença (perturbação, indisposição)

Fortune – destino, fortuna, sucesso

Genius – gênio

Life, course of – rumo de vida

Life, way of – modo de vida

Palpitation of (the) heart – palpitação do coração (taquicardia)

Pills, bitter & anti-histeric – comprimidos amargos e anti-histéricos

Ptyalism – pitialismo

Scurvy – escorbuto

Spirits – espíritos

Spirits, animal – espíritos animais

Spirit, desertion of – abandono de espírito

Spirits, lowness – desânimo (depressão)

Spirits, want of – falta de ânimo

Spirits, waste of – desgastar os espíritos

Temper – temperamento (índole, disposição)

Uneasyness – inquietação

Vapors – melancolia (depressão, hipocondria)

Watryness in the mouth – salivação na boca

Português – inglês:

Abandono de espírito – *desertion of Spirit*
Ansiedade – *Anxiety*
Comprimidos amargos e anti-histéricos – *bitter & anti-histeric Pills*
Desânimo (depressão) – *lowness of Spirits*
Destino, fortuna, sucesso – *Fortune*
Doença (perturbação, indisposição) – *Distemper*
Enfermidade – *Disease*
Escorbuto – *scurvy*
Espíritos – *Spirits*
Espíritos animais – *animal Spirits*
Espíritos, desgastar os – *waste of Spirits*
Falta de ânimo – *want of Spirits*
Gênio – *Genius*
Indiferença – *coldness*
Inquietação – *uneasyness*
Melancolia (depressão, hipocondria) – *vapors*
Palpitação do coração (taquicardia) – *palpitation of (the) heart*
Pitilismo – *Ptyalism*
Salivação na boca – *watryness in the mouth* –
Temperamento (índole, disposição) – *temper*
Tuberculose – *Consumption*
Vida, modo de – *way of Life*
Vida, rumo de – *course of Life*